



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

UBIRAJARA ANTÔNIO PEREIRA MARIANO

**A ARTE COMO AFIRMAÇÃO DE VIDA: o equilíbrio entre o dionísíaco e o
apolíneo no livro *O Nascimento da Tragédia* de Nietzsche**

**CAMPINA GRANDE
2015**

UBIRAJARA ANTÔNIO PEREIRA MARIANO

A ARTE COMO AFIRMAÇÃO DE VIDA: o equilíbrio entre o dionísíaco e o apolíneo no livro *O Nascimento da Tragédia* de Nietzsche.

Trabalho de conclusão de curso, apresentado no curso de licenciatura em filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de licenciado.

Orientador: Julio Cesar Kesting

**CAMPINA GRANDE
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M333a Mariano, Ubirajara Antônio Pereira

A arte como afirmação de vida [manuscrito] : o equilíbrio entre o dionisíaco e o apolíneo no livro O Nascimento da Tragédia de Nietzsche / Ubirajara Antonio Pereira Mariano. - 2015.
34 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Departamento de Filosofia".

1. Filosofia Alemã 2. Tragédia Grega 3. Afirmação da Vida
4. Estética Filosófica I. Título.

21. ed. CDD 193

UBIRAJARA ANTÔNIO PEREIRA MARIANO


A arte como afirmação de vida: o equilíbrio entre o dionisíaco e o apolíneo no livro *O nascimento da tragédia* de Nietzsche

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

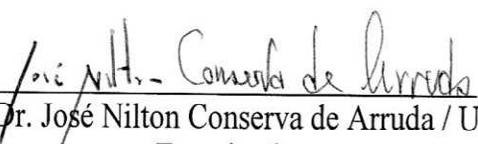
Aprovado em 17/06/2015.



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Toda arte, toda filosofia pode ser vista como remédio e socorro da vida em crescimento ou em declínio: elas pressupõem sempre sofrimento e sofredores. Mas existem dois tipos de sofredores, os que sofrem de superabundância de vida, que querem uma arte dionisíaca, e desse modo uma perspectiva trágica da vida – e depois os que sofrem de empobrecimento de vida, que requerem da arte e da filosofia silêncio, quietude, mar liso, ou embriaguez, entorpecimento, convulsão. Vingança sobre a vida mesma – a mais voluptuosa espécie de embriaguez para aqueles assim empobrecidos! (NIETZSCHE CONTRA WAGNER, 1888, p.59)

RESUMO

O que nos interessa evidenciar neste trabalho é o equilíbrio entre os impulsos artísticos nominados de Apolíneo “arte do figurador plástico”(Bildner) e do Dionisíaco, “arte não figurada da música”(Unbildlichen), equilíbrio este que leva a uma existência jubilosa e de enfrentamento do sofrimento inerente à vida. A obra que tomamos como base foi o *Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, primeiro livro escrito pelo filósofo alemão Friedrich W. Nietzsche (1844-1900), editado em 1871. Na Grécia Antiga Nietzsche busca os pressupostos para o seu modelo filosófico. Ele faz um percurso histórico até a época da tragédia grega, na qual a arte era pulsante, vista como afirmação da vida, em meio às mazelas, as angústias, o tédio, fatores inerentes à vida. Assim, o objetivo deste trabalho centra-se no papel da tragédia antiga grega e da arte no pensamento de Nietzsche, promovendo o encontro do trágico e da alegria, da arte como afirmação de vida. Isso é de suma importância na filosofia nietzschiana, pois para ele o mundo só se justifica de forma estética. Nietzsche apresenta-nos uma filosofia artístico-poética, contrapondo-se ao modelo racional-científico-filosófico de Platão. O filósofo alemão pretende elaborar uma ciência estética, cuja maior contribuição é demonstrar que toda criação e realização artísticas estavam baseadas na existência de dois impulsos: O Dionisíaco e o Apolíneo. Ele busca reconciliação destes dois impulsos.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche, Tragédia, Afirmação da vida.

ABSTRACT

What interests us highlight this work is the balance between the nominated artistic impulses of Apollonian "art of plastic configurator" (Bildner) and the Dionysian, "not figurative art of music" (Unbildlichen), this equilibrium that leads to a joyful existence and to confront the suffering inherent in life. The work we take the base was *The Birth of Tragedy or Hellenism and pessimism*, the first book written by German philosopher Friedrich W. Nietzsche (1844-1900), published in 1871. In ancient Greece Nietzsche search the premises for your philosophical model. He makes a historical journey to the time of Greek tragedy, in which art was pulsating, seen as affirmation of life amid the ills, the anguish, boredom, factors inherent to life. The objective of this work focuses on the role of ancient Greek tragedy and art in Nietzsche's thought, promoting the meeting of the tragic and joy, art as an affirmation of life. This is of paramount importance in Nietzsche's philosophy, because for him the world is justified only in an aesthetic way. Nietzsche presents us an artistic and poetic philosophy, in contrast to the rational-scientific-philosophical model of Plato. The German philosopher intends to produce an aesthetic science, whose main contribution is to demonstrate that every creative or performing arts were based on the existence of two impulses: The Dionysian and Apollonian the. He seeks reconciliation of these two impulses.

KEYWORDS: Nietzsche, Tragedy, Affirmation of life.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
O SURGIMENTO DA TRAGÉDIA GREGA	12
O UNO PRIMORDIAL, O DIONISÍACO E O APOLINEO	16
CRÍTICA A EURÍPEDES, SÓCRATES E PLATÃO	22
O RENASCIMENTO DA TRAGÉDIA NA IDADE MODERNA, E A RELAÇÃO COM A FILOSOFIA DA VONTADE.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
MATERIAIS E MÉTODOS.....	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho procura evidenciar os elementos Apolíneo e Dionisíaco no período da Tragédia Grega. O filósofo alemão Friederich W. Nietzsche (1844-1900) através de sua obra *O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo* (1871), traduzida por J. Guinsburg, editada em 1992, faz o percurso até esse tempo. Segundo o filósofo, no período trágico há um equilíbrio entre os dois impulsos artísticos acima mencionados, há uma reconciliação entre a embriaguez e a forma, uma reconciliação entre os deuses Dionísio e Apolo.

Para Nietzsche o mundo só se justifica de forma estética, defende assim, uma metafísica do artista, uma metafísica da música. O mundo possui a característica do tédio e da dor, sendo necessária, pois, uma postura estética para expurgar as mazelas da vida, tornando-a suportável e alegre. “Sem a música, a vida seria pra mim um erro” (NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos*, 1888, p.33). Essa força metafísica se manifesta através de dois impulsos artísticos: o Apolíneo e o Dionisíaco. Apolo é o deus da clareza, da metrificação, da harmonia e da ordem; Dionísio é o deus do caos, da embriaguez, do vinho e da música.

Um dos principais interesses de Nietzsche com seu escrito é a aprovação jubilatória da vida, e, para isto é necessária à inversão dos valores morais para uma visão artística do mundo. O filósofo apresenta-nos uma filosofia que é segundo nosso ponto de vista, o fio de Ariadne que une dando-lhe uniformidade, com isso se opõe aos negadores da vida. Nada está acima dos valores da vida.

No racionalismo grego Nietzsche descobre uma supervalorização do impulso sobre o outro, do Apolíneo sobre o Dionisíaco. Neste sentido, torna-se evidente a crítica de Nietzsche ao sistema metafísico de Sócrates e Platão, pois estes tendem a negar a realidade, a vida e os instintos naturais do homem, apostam na razão em detrimento dos instintos. “[...] estar obrigado a lutar, contra os instintos – essa é a fórmula da decadência: enquanto a vida é ascendente, felicidade e instinto são idênticos”. (NIETZSCHE apud LIMA, 2006, p.33).

Nietzsche teve influência, na fundamentação e elaboração de suas obras da filosofia de Schopenhauer, principalmente a obra *O Mundo Como Vontade e Como Representação*. Schopenhauer apresenta-nos uma filosofia sem deus, sem providência divina, mas com

base profundamente artística. Também o músico Richard Wágner está constantemente presente no texto nietzschiano. O filósofo pensava que a música wagneriana teria a ver com o renascimento da tragédia na Alemanha de sua época.

Subdividimos nossa pesquisa em quatro capítulos. O primeiro trata do surgimento da tragédia grega, onde tomamos por base os escritos de Junito de Souza Brandão, especialista em Mitologia Grega. É mostrada neste capítulo toda a trama que se deu para a formação do mito dionisíaco, de onde é extraída toda a simbologia que forma o espetáculo da tragédia grega. Mostra-se também a relação do grego antigo com o espetáculo trágico, que não era um espetáculo de entretenimento, mas algo presente no cotidiano daquele povo. A arte vista como meio de suportar a vida e suas mazelas. A simbologia da tragédia grega está presente de forma latente na obra nietzschiana, e por consequência na temática central deste artigo.

[...] o efeito mais imediato da tragédia dionisíaca é que Estado e a sociedade, sobretudo o abismo entre um homem e outro, dão lugar a um superpotente sentimento de unidade que reconduz ao coração da natureza. O consolo metafísico [...] de que a vida, no fundo das coisas, apesar de toda a mudança das aparências fenomenais, é indestrutivelmente poderosa e cheia de alegria, esse consolo aparece com nitidez corpórea como coro satírico. (NIETZSCHE, 2006, p.55).

No segundo capítulo tratamos da visão metafísica de Nietzsche, que coloca a vida como algo superior, sendo assim o princípio metafísico é algo submetido aos valores da vida. Para ele a vida só pode ser justificada de forma estética (metafísica do artista), e o princípio criador, o *Uno Primordial* não dita regras morais, mas é eterno devir, eterno criador, fonte de sofrimento. A tragédia seria o modo para suportar a dor inerente à vida, a forma de transformar o sofrimento em algo positivo. Assim como o artista se reconforta através de sua criação, assim também o faz o *Uno Primordial*. A forma de manifestação e de efetivação no mundo da aparência do Uno Primordial seria o Dionisíaco e o Apolíneo, ideia esta inspirada na filosofia schopenhauriana, fonte de inspiração do primeiro livro de Nietzsche.

O terceiro capítulo busca o entendimento do espírito Dionisíaco e do espírito Apolíneo, que seriam uma dupla forma do uno primordial se efetivar no mundo da aparência, efetivação esta que se dá por meio da arte. A tragédia grega é parâmetro para a ideia de afirmação de vida através da arte, surge da tensão entre o Dionisíaco e o Apolíneo, por isso diante disso se faz necessário o entendimento de ambos. Apesar de Nietzsche

trazer a tona o espírito dionisíaco, no período trágico o movimento foi o contrário, o espírito apolíneo é que vem a tona para colocar limites no dionisíaco, que sem esta intervenção torna-se perigoso, aniquilador da vida. O fato é que o modelo proposto é o de equilíbrio entre os dois impulsos, com uma maior exposição e defesa do Dionisíaco frente ao Apolíneo, devido à disparidade existente a partir de Sócrates.

No quarto capítulo iremos exemplificar a proposta de Nietzsche, para a implantação de um novo modelo filosófico baseado na busca de tornar o Dionisíaco em Pathosfilosófico, para assim poder se equiparar e equilibrar com o Apolíneo. Ele busca despertar as pessoas para o enfrentamento da vida com suas nuances, característica do homem da Grécia antiga. Não é proposta uma reprodução de época, mas uma ação semelhante ao homem viril grego.

No quinto e último capítulo deste compêndio, está exposta à crítica a Sócrates, que Nietzsche trata como decadente, homem invertido. O modelo socrático torna a razão, a dialética como fatores preponderantes para o entendimento da vida, onde devemos nos comportar segundo conceitos e não segundo a cosmologia. Esta ideia foi combatida duramente pelo filósofo alemão. A crítica se estende a Platão, que é quem institucionaliza este modelo. Um modelo absolvido pelo cristianismo e pelos positivistas, desembocando no niilismo. Para Nietzsche este modelo não correspondia aos anseios do homem, levando-o a uma vida sem sentido, a uma cultura de rebanho. Nietzsche propõe uma filosofia do devir, numa tentativa de corrigir o caminho seguido pela humanidade nos últimos anos.

O SURGIMENTO DA TRAGÉDIA GREGA

Segundo Junito de Souza Brandão (1924-1995) professor e escritor especialista em Mitologia Grega, a Tragédia surgiu a partir do culto a Dionísio.

Dionísio teve dois nascimentos: o primeiro se dá de um relacionamento entre Zeus e Persephone. Hera esposa de Zeus com raiva planejou a morte de Dionísio, que é devorado pelos Titãs após terem queimado sua carne. Zeus interveio, queimou os Titãs, e salvou o coração de Dionísio, engolindo-o, para que as forças do seu filho fossem preservadas. Das cinzas de Dionísio teve início a humanidade.

Em seguida Zeus traiu Hera novamente com Sêmele, uma mortal, princesa de Tebas, a quem ele fecundou, para ser gerado assim o segundo Dionísio. Hera se disfarçou e fez com que Sêmele pedisse a Zeus, para que aparecesse a ela em sua forma divina, fato este que a destruiu, pois segundo a mitologia, um mortal não pode ter acesso a uma força divina em sua completude. Zeus arrancou Dionísio do ventre da mãe e o colocou em sua coxa, para que assim se completasse a sua gestação.

Zeus prevendo a perseguição de Hera a Dionísio o transformou em um Bode, deixando-o sob os cuidados das Ninfas e dos Sátiros. Dionísio mesmo tendo a capacidade de se metamorfosear foi perseguido, e destruído várias vezes por Hera, mas ressurgia, pois era um deus, sendo assim imortal.

Dionísio é o deus do campo, do vinho, da fertilidade e do fogo. No monte Nisa onde vivia, ele colhia frutinhas, as espremia colocando o sumo em taças de ouro. Após a ingestão do sumo (vinho), começava a dançar juntamente com as Ninfas e os Sátiros. Após dançarem freneticamente todos caíam semidesfalecidos, dando desta forma origem aos cultos a Dionísio. Esse modelo era repetido em toda Grécia, onde os adeptos do culto disfarçavam-se de sátiros (homens bodes). O vocábulo Tragédia seria baseado neste fato: Trágos = Bode; Oidé = canto + ia, formando assim *Tragoedia*, que quer dizer “Canto do Bode”. O bode é uma das metamorfoses de Dionísio. É o sacrifício de alguém por algo. É o aprender pelo padecimento a viver melhor. Outra explicação sobre a origem de nome, é que os poetas que se disfarçavam de sátiros, traziam o drama trágico escrito em peles de bode, e como a peça era cantada, então viria daí a terminologia “Canto do Bode”.

A Tragédia é uma encenação artística, onde se mostra o cotidiano seja de forma direta, seja de forma simbólica, própria de uma linguagem mitológica, de onde advém o

mito causador da Tragédia. O desfecho destas encenações é sempre algo de terrível, pois a vida assim o é. Mas isso não pode ser encarado como algo negativo. Para entendê-la, tanto os personagens que estão no palco, como os expectadores ou os leitores precisam participar do jogo. É um pular no abismo, pois não se sabe o que irá sentir e o que encontrar, pois a encenação trágica traz problemas insolúveis e paradoxais do viver humano. Ao adentrar neste jogo, se entra em um estado de embriaguez, êxtase. É um sair de si, mas ao mesmo tempo um encontrar-se com o que há de mais profundo em nós. Esse estado de semidesfalecimento através da embriaguez e da euforia provocava uma comunhão com deus, uma proximidade com a imortalidade, perdia-se o métron (a medida de cada um), libertando-se dos limites, que nada mais eram do que os limites culturais e políticos. Assistir um drama trágico na Grécia Antiga, não era apenas assistir, ou se entreter, mas participar, ver a verdade de seu próprio mundo, religioso, ético, que estava sendo representado diante dele, no qual ele se reconhecia. A vida em toda sua complexidade era colocada no palco.

A Tragédia não tinha um compromisso estritamente ético, mas proporcionava uma experiência estética, ela vinculava-se a ética, visto que retratava e apreendia o real em sua crueza, através da arte, exercendo o papel de mudar os hábitos, mesmo que isso fosse algo que não modificava o resultado final, pois o que interessava, tomando, por exemplo, a morte, não era desviar do caminho dela, mas como caminhar até ela, de que forma estava-se fazendo isto.

As primeiras tragédias eram celebradas estritamente no campo, mas com o advento da pólis, foi inevitável a chegada do culto a Dionísio à cidade. A pólis tinha como característica de ponderância, justa medida, sendo contra a desmesura e coisas do gênero. Então, para que o culto adentrasse à pólis, ele sofreu mudanças, ganhando características apolíneas. Foram criadas então quatro festas de culto ao vinho: Dionísias Rurais e Lenéias (que mantinham o culto essencialmente dionisíaco, principalmente no caráter orgiástico), Grandes Dionísias (que deram origem a Tragédia Grega, cheia de aspectos apolíneos) e Antestérias (a mais complexa e demorada de todas).

Todo homem que chegasse ao estado de desmesura (Démeseure), causava *ciúme divino* (Némesis), sendo punido com a cegueira da razão, ou seja, tudo o que fazia, realizava-o contra si mesmo. Nota-se aí a presença de Apolo, que é exemplificado nesta punição, dando agora ao culto dionisíaco um caráter educador dentro da pólis.

Ora, os devotos de Dioniso, após a dança vertiginosa de que se falou, caíam desfalecidos. Nesse estado acreditavam sair de si pelo processo do “ékstasis”, êxtase. Esse sair de si, numa superação da condição humana, implicava num mergulho em Dioniso e este no seu adorador pelo processo do “enthusiasmós”, entusiasmo.(BRANDÃO, 1984, p.9)

O drama trágico era formado por um cômico, composto por cidadãos da pólis, que cantava exprimindo as angústias inerentes ao drama trágico. O cômico era formado por doze homens, e um ator, que era chamado de “hipócritas”, que representava deuses e seres legendários. O público identificava-se com quem estava sendo retratado, em um tipo de purgação das emoções. Era como se cada sofrimento relatado fosse vivido por cada pessoa do público. Através dessas inúmeras emoções o público achava sentido para a vida, na busca de torná-la excepcional. A figura central das encenações trágicas era o herói trágico, aquele que se propunha a instaurar uma nova ordem, mesmo que para isto pagasse com sua própria vida. O herói trágico instaurava ou fazia pensar sobre uma nova ordem a partir do seu próprio sacrifício. Era a vida cantada, de quem se sacrificava pela vida dos outros (bode expiatório).

O processo de conhecimento por via da tragédia era uma via dolorosa, que quebrava sempre uma realidade, um paradigma. Como Dionísio que renascia a partir de sua própria morte, o ser humano ressurgia cotidianamente de seu sofrimento fundante.

Na atualidade, a palavra Tragédia tem um aspecto de algo doloroso, catastrófico, ou a descrição de uma paixão que redundava em morte ou coisa do gênero. Para os gregos antigos trágicos, a tragédia era uma forma de arte vivida, ou seja, era retratado no drama trágico o cotidiano, a vida e seus meios mais intrigantes. “Todo artista é um imitador, e isso quer como artista onírico apolíneo quer como artista extático dionisíaco”(NIETZSCHE, 1887, P.32).

Aristóteles no seu livro “a arte poética”, diz que a função da tragédia seria educativa, ação esta que aconteceria através de uma representação imitadora de uma ação séria, concreta, representada e não narrada, por atores. As peças encenariam horrores não ficcionais, provocando o enfrentamento das situações expostas, através da catarse, onde haveria por parte dos expectadores a purgação das emoções. Ela expõe as mazelas humanas com o intuito de superá-las.

O escritor trágico Ésquilo (525 – 456 a.C.), considerado o pai da tragédia, estabeleceu a seguinte epígrafe: “PatheiMathos (Aprender pelo padecer)”. A tragédia seria aprender pelo sofrimento, um aprendizado intransferível e não conceitual. Trata-se de um

processo de conhecimento que passaria pelo sentir, que seria potencialmente mais forte, e que marcaria e transformaria muito mais que o processo de aprendizado pelo ouvir. Quantas coisas a gente acha que aprende só no ouvir dizer, mas quando se sente a situação, nos tornamos impotentes diante do problema, pois aprendizagem não se dá de forma profunda. Essa é uma das críticas de Nietzsche ao modelo racional socrático, pois a vida em suma é sentir, e para ele o conceito é algo baseado antes no sentir. O aprendizado se dá de forma marcante quando o resultado de uma ação causa resultados nefastos em nossas vidas.

A obra inaugural de Nietzsche mostra o grego antigo, como um ser de sensibilidade exacerbada, com uma forte propensão para o sofrimento. Um homem instintivamente forte, levando-o a ser um ser artístico. Por causa da força de seus instintos a vida dos helenos era rica em sofrimento, podendo levar a um forte pessimismo, à negação da própria existência, ao aniquilamento da vida. Para melhor viver, esse sofrimento, essa dor não podia ser negada, pois negar o sofrimento é negar a própria vida. O sofrimento tem que ser transformado em algo positivo, e o caminho para esta transformação seria a tragédia, que uniria elementos dionisíacos e apolíneos.

A função da tragédia, segundo Nietzsche seria produzir alegria, pois o homem quando se relaciona com a dor por meio da arte se fortalece. A tragédia seria uma afirmação da vida. A arte trágica é superior, pois ela vai de encontro a todo sentimento de negação a vida. O sofrimento para a arte é algo que pode ser degustado, apreciado, transformado em algo positivo. Neste pensamento a arte contribui para adensar uma tênue membrana de alegria e vida, sobre o imenso escuro horror.

Podemos dizer que a Tragédia é um: *É ASSIM MESMO*. E diante disso se tem uma atitude positiva, pois mesmo sabendo que é assim, eu vou e enfrento, eu tento mudar o imutável. Para Nietzsche isso seria afirmar a vida, seria ser livre. Na tragédia haveria esquecimento do princípio de individuação. Por isso, ela seria um jogar-se para fora do nosso mundo. A tragédia cria pontes entre o que fazemos e o que somos, entre o que desejamos ser e o que acontece efetivamente em nossas vidas; ela nos religa a nossa primordialidade unitária, ameniza-nos a saudade e angústia eterna, reunifica-nos, nos fazendo um todo nas pequenas coisas do dia a dia.

O UNO PRIMORDIAL, O DIONISÍACO E O APOLÍNEO

Para Nietzsche a vida só pode ser entendida e justificada de forma estética. A força criadora (uno primordial) cria a partir do seu próprio sofrimento. Assim expande-se e ameniza esse sofrimento. Então a vida seria essencialmente sofrimento e a arte trágica seria a forma com a qual poderíamos dar um caráter positivo a este sofrimento inerente a vida.

Então possuindo essa dor essencial, o Uno Primordial, através de um movimento artístico cria o mundo, criação essa que é um eterno devir. O Uno primordial neste movimento artístico busca aliviar sua dor, gerando coisas semelhantes a si, e estes semelhantes irão também gerar dor, e conseqüentemente gerar arte, no movimento eterno do vir a ser. Assim, ele reconfortar-se-ia consigo próprio, tanto no mundo da beleza aparente dos indivíduos, quanto na supressão desse princípio, quando suas criaturas rompem com os limites da individuação. “O mundo da dor e da contradição”. (NIETZSCHE apud LIMA, P.41).

O Uno primordial é eterno, na medida em que é eterno criador. Esta ideia tem um caráter afirmativo, e não depreciativo com relação à vida, pois leva a uma atitude afirmativa diante do viver. Esse mundo é obra de arte eternamente inacabada. Esse pensamento permeia a filosofia nietzschiana que propõe uma filosofia experimental e inacabada. Isso contraporia o postulado Platônico, de que o mundo das ideias seria perfeito em si, e que geraria um mundo imperfeito, que seria uma sombra, dando assim, segundo Nietzsche um caráter depreciativo para com a vida.

O Dionisíaco e o Apolíneo são para Nietzsche manifestações do Uno Primordial, que se mostra gerando a si mesmo. O Uno Primordial é princípio artístico. A arte teria sua essência no Uno Primordial. Sendo assim o Dionisíaco e o Apolíneo seriam uma dupla forma pelo qual o Uno Primordial se efetivaria no mundo da aparência, eles seriam o meio pelo qual se revelaria a sua dor. Assim todo o criar acontece através destes dois impulsos. O conceito não pode abarcar este impulso, o que pode é o impulso gerar a si mesmo, e transformar em arte a dor e o tédio. Todo o nosso mundo da aparência só pode existir para que as artes, por meio de suas obras, transfigurem a dor que paira no coração da natureza. O Uno Primordial é o intocável, o indizível, o imensurável; ele é colocado como: “[...] corolário que é um formidável organismo que se gera e se mantém a si próprio”. (NIETZSCHE apud LIMA, 2006, P.41).

Na mitologia grega já estava presente de certa forma a ideia de Uno Primordial, pois a mitologia viria da capacidade do povo grego de relacionar-se com o sonho figural e com a embriaguez inebriante, juntavam-se os dois impulsos numa coisa só. Racionalizava-se um e sentira-se o outro, tudo isso viria de um lugar não conhecido, independente do indivíduo, pois pertenceria a uma força maior, que seriam os deuses. Os deuses mitológicos, deuses do olimpo, legitimam a vida, pois a vivem, sendo uma transfiguração do ser humano; são amorais, pois sendo deuses não estão sujeitos aos conceitos de bem e mal, eles são uma representação dos impulsos da energia primordial, e divinizar isto, é afirmar a vida, não estabelecendo um modelo de divinização e nem um modelo moral, pois a vida é o que é. Como Nietzsche bem coloca, não há moral divina, há divinização da moral.

O mesmo impulso que chama a arte á vida, como a complementação e o perfeito remate da existência que seduz a continuar vivendo, permite também que se constitua o mundo olímpico, no qual a vontade helênica colocou diante de si um espelho transfigurador (NIETZSCHE, 1887, p.37).

Schopenhauer defendia a ideia de que o mundo era formado por Vontade e Representação, e que a Vontade seria a essência do mundo, gerando assim os fenômenos, a aparência, a representação. Nietzsche em certa medida comunga com o postulado schopenhaueriano, pois ele afirma que a sensação que se tem, é que por trás desse mundo existe outro, só que esse outro mundo nietzschiano, não é um arquétipo como o de Platão, mas sim um mundo presente neste.

O artista quando cria, ele não cria um modelo de algo perfeito, mas ele cria pra colocar pra fora a sua dor, sendo assim uma ideia estética e não moral. A arte existe justamente porque o homem percebe e sente no mundo do vir a ser, essa contradição e dor. Nesse sentido, o homem ao fazer arte, a fim de aliviar seus tormentos, está vinculado metafisicamente ao Uno Primordial. A arte não é dissociada da vida no mundo trágico, a vida é obra de arte.

Toda arte se consagra à alegria, e não há tarefa mais elevada e mais séria do que tornar os homens felizes. A arte justa é somente aquela que proporciona a fruição suprema. A fruição suprema, porém é a liberdade da mente no jogo vivo de todas as suas forças (SCHILLER apud LIMA 2006, p.37.).

Então dentro dessa visão estética, cabe dizer que é necessário o entendimento do Dionisíaco e do Apolíneo, porque para Nietzsche, a tragédia grega surge da tensão que ocorre entre estes dois impulsos artísticos. Além disso, ele sugere que a análise não seja feita apenas com base na inteligência lógica, mas que seja feita também, tendo por base o que ele chama de intuição (Anschauung), que seria uma análise do sentir e do intuir. O simbolismo artístico, não fala apenas por linguagem intelectual lógica, mas se expressa atingindo principalmente o instintivo e o intuitivo.

Apesar de Nietzsche trazer a tona o espírito dionisíaco, no período trágico o movimento foi o contrário, o espírito apolíneo é que vem a tona para colocar limites no dionisíaco, que sem esta intervenção torna-se perigoso, no sentido de aniquilar com a própria vida. O fato é que o modelo proposto é o de equilíbrio entre os dois impulsos, com uma maior exposição e defesa do Dionisíaco frente ao Apolíneo, devido à disparidade existente na idade moderna.

Partindo do pressuposto de uma vida plena de sofrimento, e voltando para o grego antigo como um modelo de homem sensível, com propensão ao sofrimento, pode-se dizer que o impulso artístico apolíneo se faz necessário, para tornar a vida possível, para mascarar os terrores e atrocidades da existência, pois a dolorosa violência da existência pode levar ao aniquilamento da vida.

Nietzsche define o mundo apolíneo, como aquele que é retirado dos sonhos, ou que imita o sonhar. É a partir do sonho que o artista vê a sua obra: E ela lhe aparece, revelando o que ele realmente é, uma representação ilusória da realidade, realidade esta que permanece desconhecida. O mundo apolíneo é o da individuação, da metificação, da aparência em sua forma mais palpável, é o princípio que tem como papel principal, a transfiguração da realidade através da arte. Ele configura o impulso primordial, transforma o caos em ordem para ser absorvido pelo racional, pois ele é o resplendente, aquele que ilumina o que vem do íntimo para o mundo da aparência. Há de se notar que nessa tentativa de *organização do caos*, há um movimento de restrição, pois a faculdade imperante no apolíneo não abarca toda gama de sensações advindas do impulso criador, causando de certa forma, quando não há um relacionamento com o dionisíaco, uma separação da natureza, pois o princípio de individuação preponderante no apolíneo coloca o homem como algo à parte do mundo ou como centro do mundo (antropocentrismo), pois a medida da individuação é o homem.

Essa realidade segundo Nietzsche, pode ser transfigurada, mas não ignorada. A consciência apolínea é apenas um véu, que dissimula um mundo que não pode ser ignorado. Ao ignorar essa realidade, vira-se as costas para o instinto primordial representado pelo dionisíaco. É preciso não só amenizar a dor, mas enfrentá-la. E a arte apolínea não faz esse papel de enfrentamento. Para exemplificar bem isto, podemos usar a analogia do barqueiro, que em meio a um mar turbulento acha que está seguro no seu pequeno barco. O barco seria o princípio de individuação, que não dá conta de todo potencial que emerge de um mar vasto de impulsos, que não tem a capacidade de “esconder o imenso mar”. É uma enxurrada de sensações muito forte, que as formas cognitivas da aparência fenomenal (o apolíneo), parecem sofrer uma exceção, não conseguindo dar conta, de uma sensação aterrorizante e ao mesmo tempo extasiante, que ultrapassa e perpassa o princípio da individuação, onde o ser entra em consonância com o todo do universo. É preciso ir além do processo de configuração própria das artes apolíneas, pois os impulsos que emergem são forças não conscientes, sendo necessário o impulso que venha tentar traduzir esta força, não de forma figurativa, mas de forma pulsante não figurativa. O princípio de individuação presente na arte apolínea se rompe com o êxtase dionisíaco, onde o ser não se reconhece como algo separado (“eu sou”), solitário, reconciliando-o com o que há de essencial na natureza, tornando-o parte de um todo. O que tinha sido formado em mim pela sociedade, pela política, pelos costumes, se esvai, surge o impulso criador que não está sujeito às regras morais, nem sujeito ao conceito de bem e mal, o que existe é o pulsar da natureza, não existindo assim o pecado, mas o sofrimento que é inerente ao deus esteta, gerando a arte.

A exemplificação dos dois impulsos está na obra de Homero e Arquíloco, no canto épico e no lírico respectivamente. A poesia Épica é imagética, é uma retratação de algo figurado. A poesia Lírica não surge a partir da imagem, a imagem é que surge a partir da poesia. O uno primordial (vontade cega) tem na música lírica a sua representação mais próxima, e esta música começa a gerar imagens, e as imagens geram a fala, dando um caráter apolíneo a esta manifestação.

O sentimento se me apresenta no começo sem um objeto claro e determinado; este só se forma mais tarde. Uma certa disposição musical do espírito vem primeiro e somente depois é que se segue em mim a ideia poética (NIETZSCHE, 1887, p.44).

Segundo Nietzsche, o canto lírico é o exemplo de equilíbrio entre os dois impulsos. Hierarquicamente o dionisíaco aparece primeiro, em seguida o apolíneo, desempenhando o seu real papel. A música seria a representação mais próxima desta vontade, que surge sem estar atrelada a poesia falada, a imagem figural, ela representa a vontade de exprimir os sentimentos através de sons. Os sons vão surgindo e gerando sentimentos, e a partir destes sentimentos surgem imagens figuradas, promovendo assim através da poesia lírica o encontro entre os dois impulsos.

O espetáculo trágico, que antes era uma festa estritamente dionisíaca, formada exclusivamente pelo cântico, torna-se tragédia grega como a conhecemos, com a inserção do sátiro, que é embriaguez, mas que ao proferir a palavra, também expressa o sentimento primeiro através do figural, dando um caráter apolíneo. O cântico era formado por cidadãos da pólis, considerados os expectadores ideais, seria o substrato dos expectadores. Nota-se então que a tragédia seria o substrato da sociedade grega, e se nos dias hoje o expectador ideal é aquele que vê o espetáculo como algo estético, o expectador ideal do período trágico, vê a encenação como algo estético e empírico, não havendo separação entre a vida e o drama trágico; o cântico retrata a vida que se passa no cotidiano. O grego antigo não assistia a um espetáculo nos moldes de hoje, como algo a ser contemplado como entretenimento; ele se via, e o cântico era a sua ligação com o deus Dionísio, ao mesmo tempo em que o cântico era também “muralha” contra a pseudo realidade, ou contra negação da realidade. A sinergia alcançada na tragédia grega faz com que todos se tornem uma coisa só, se liguem ao que é essencial, não através de postulados racionais, mas pela sensação de embriaguez, que não é abarcada pelo figural, num processo de imersão dos rancores, do passado, pois o que interessa é a vida pulsante do instante.

Nietzsche coloca como exemplo de arte apolínea as artes plásticas de sua época, que retratava algo objetivamente, exprimindo o já existente, aquilo que se poderia metrificar; o dionisíaco é exemplificado pela música, uma arte não conceituável objetivamente.

Nietzsche buscava a demolição da ideia do impulso apolíneo como pathos filosófico.

Há pessoas que por falta de experiências ou por embotamento de espírito, se desviam de semelhantes fenômenos como de moléstias populares, e apoiados no sentimento de sua própria saúde, fazem-se sarcásticas ou compassivas diante de tais fenômenos: essas pobres criaturas não têm na verdade ideia de quão cadavérica e espectral fica essa sua sanidade,

quando diante delas passa bramando a vida candente do entusiasta dionisíaco (NIETZSCHE, 1887p.31).

Essa vivência entre os dois impulsos artísticos permite ao homem libertar-se da individuação, mas isso não significa que se possa conhecer o mundo em si mesmo. Se no impulso Apolíneo os homens estão presos ao princípio de individuação, no Dionisíaco elas partilham de uma espécie de experiência mística para além de toda representação. A embriaguez Dionisíaca extirpa o *eu*, e reconcilia o homem com a natureza, quebrando o princípio de individuação e tudo o que é inerente a ele, rompendo com o passado e desvelando a realidade dura do presente, vivendo verdadeiramente o presente, deixando de ser artista para ser obra de arte. Ele não cria no sentido apolíneo de metrificar, de delimitar, de estabelecer um princípio formal, mas ele se embriaga com a obra produzida, ele se harmoniza com o deus estético, pois o que está dentro dele de mais essencial vem à tona.

O pessimismo sem arte apolínea aniquila a vida. O apolíneo sem o dionisíaco encobre, esconde a verdade.

Existe uma força maior em nós, que é a força da vida, que se conserva no nosso mais íntimo ser, que se revela independente de minha vontade, fazendo com que a razão neste processo seja coadjuvante, pois essa força é libertadora e ilimitada, não se enquadrando no métron da racionalização. Tanto o apolíneo como o dionisíaco, são tentativas de aparência e aproximação com esta força. Tudo na vida é divino, mesmo aquilo que é chamado de mal, pois viver é algo sublime, e viver segundo esta afirmação é enfrentar a vida de frente.

O pensamento de Nietzsche em sua primeira obra busca uma aproximação com a força que está no nosso íntimo, para que esta força possa se revelar em nós através dos impulsos artísticos. Viver a vida é externar e se harmonizar com a força criadora, aproximando-se do que a gente essencialmente é. Estas manifestações são similiformes ao uno primordial, justificando a sentença de que todo artista é um imitador, seja no mundo figural do sonho, seja na embriaguez. A tragédia grega é o modelo que Nietzsche expõe para esta afirmação da vida. “[..].a arte; só ela tem o poder de transformar àqueles pensamentos enojados, sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver” (NIETZSCHE, 1887, p.56).

CRÍTICA A EURÍPEDES, SÓCRATES E PLATÃO

No mundo grego antes de Sócrates, havia uma harmonia entre o princípio Dionisíaco e o princípio Apolíneo, harmonia entre o êxtase e a forma. Depois de Sócrates, Nietzsche diz que isso entra em colapso, o Dionisíaco perde sua força, o cântico, a música não são mais partes preponderantes nos espetáculos trágicos, perde-se assim, o equilíbrio entre os dois impulsos. Este declínio do Dionisíaco não acontece por causa de Sócrates, mas pelo movimento natural da vida (o eterno devir). Sócrates em uma postura otimista aparece como *médico*, como aquele que tenta curar a doença do grego, que é o desequilíbrio entre os dois impulsos que não estão funcionando de forma harmônica, e sabendo do gosto apurado do grego por jogos, sugere de forma capciosa um jogo, que é a substituição da confiança nos instintos pela dialética, fazendo com que o impulso Apolíneo se torne abrangente, que o modo de vida seja racional, de buscar a causa das coisas de forma conceitual.

Nietzsche afirma que Eurípides sob a influência socrática, enfrentou e venceu a tragédia esquiliana. Assim, em vez de um culpado pela morte da tragédia, Nietzsche encontra dois, sendo Sócrates o seu mentor e Eurípides seu coadjuvante. (Cf. LIMA, 2006, p. 81).

Nietzsche aponta algumas transformações impostas pelo poeta Eurípides ao modo de ser da tragédia. Primeiramente, ele teria introduzido em seus dramas personagens do cotidiano: “por seu intermédio, o homem da vida cotidiana deixou o âmbito dos espectadores e abriu caminho até o palco” (NIETZSCHE, 2006, p. 73). Em segundo lugar, ele teria excluído da tragédia Dioniso, ou seja, a música. No que diz respeito ao primeiro ponto, Nietzsche acreditava que talvez Eurípides quisesse aproximar-se dos espectadores, ou seja, tornar a tragédia uma arte popular. No entanto, vista mais de perto, essa suposição não faz nenhum sentido, uma vez que, tanto Sófocles como Ésquilo gozavam de um grande prestígio popular.

Conforme Nietzsche, o resultado dessas mudanças impostas por Eurípides foi o desaparecimento da antiga compreensão trágica do drama. A transformação operada por Eurípides não fez somente que esse abandonasse Dioniso, mas também Apolo o deixa e desaparece. Conseqüentemente a tragédia agonizou e morreu.

De forma alguma Nietzsche nega o talento de Eurípides. O filósofo diz que o poeta antes de sua morte tentou retratar-se com Dioniso escrevendo a obra *As Bacantes*; mesmo assim,

isso não impediu que a influência socrática tornasse uma erva daninha que minou todo o solo da cultura trágica (Cf. LIMA, 2006, P. 84). Assim o filósofo preocupa-se em averiguar sobre os motivos da reconstrução da tragédia numa trilha oposta a de sua origem. A ausência do impulso dionisíaco (a música) no drama euripédiano fez nascer uma nova figura, a dialética. A partir de então o diálogo assume uma dimensão que antes não tinha, causando um efeito devastador na concepção do teatro grego trágico. Consoante às teses nietzschianas Vernant diz o seguinte:

O que era a mola mestra do gênero, em Ésquilo e ainda em Sófocles, a tensão constante, a mesma seriedade na forma de tratar o indivíduo em seu perfil pessoal, em seu estatuto individual e social, e depois os deuses como pano de fundo – tudo foi substituído em Eurípides pela grande importância atribuída à forma como os personagens se confrontam em cena. Existe ao mesmo tempo uma arte muito elevada e um declínio do gênero. Eurípides tem consciência disto: uma de suas últimas peças, *As Bacantes*, retorna a tradição trágica mais autêntica (VERNANT, 2002, p. 377).

Outra mudança significativa constatada por Nietzsche na obra de Eurípides foi a introdução do prólogo antes da exposição da peça, com o intuito de evitar que o espectador pudesse chegar ao *phatos*. Na verdade Eurípides almejava alcançar pela força da palavra o efeito da música. Para Nietzsche o prólogo serve como exemplo de produtividade racionalista. Assim, saber tudo o que vai acontecer no decurso da peça tira o efeito da tensão.

Assim, Eurípides representa um divisor de águas em detrimento à tragédia antiga. A causa disso é sua postura “não como poeta, mas como pensador” (NIETZSCHE, 2006, p. 77). Eurípides adquiriu uma inclinação crítica que o levou a estabelecer uma estética racionalista e a privilegiar a consciência, a razão e a lógica como critério para orientar toda a produção artística. “Com a estética racionalista, ou seja, com a união ente Eurípedes e Sócrates, a idade trágica chega ao fim” (Cf. DIAS, 2005, p. 71).

Sócrates colaborou para a negação do espírito dionisíaco. Sócrates é o arquétipo do homem contemplativo (teórico), contrário a tudo aquilo que tinha a ver com o corpo, com instinto, com os sentimentos. Foi ele que descobriu e apontou um sentido para a vida humana: a salvação da alma, o que implicava a renúncia dos prazeres corporais e dos instintos. O

arquétipo de homem que Sócrates irá deixar às gerações futuras está assim mutilado, trata-se de um homem que eleva a razão desprezando a vida, contraponto saber ao mistério. Este homem imagina um mundo ordenado; onde reina o caos, só encontra uma única saída para o seu sofrimento: a ilusão de um mundo além; o cristianismo irá prosseguir neste caminho aberto por Sócrates.

A tendência racionalista de Eurípedes não foi à única causa da morte da tragédia e, sim, uma manifestação de algo mais profundo, o racionalismo socrático. Esse, por sua vez, despreza tudo aquilo que se realiza por instinto. É dessa forma que Sócrates desconhece Dioniso, essência da arte grega, dissociando, pois, arte e vida. Onde havia afirmação da vida e dissolução do sofrimento no seio da natureza pela união entre música e palavra, surge à negação da vida e o domínio da dialética. Conforme Nietzsche, uma contradição profunda passa a existir em solo grego: Sócrates *versus* Dionísio, “e por causa dela a obra de arte da tragédia grega foi abaixo” (NIETZSCHE, 2006, p. 79). Através do racionalismo socrático a música é obrigada a submeter-se à dialética e o homem trágico é suprimido pelo homem teórico. Como resultado desse racionalismo, “a música, que fora a mãe da tragédia, a voz de Dionísio em pessoa, que exprimia toda desmesura do querer, o seu prazer e a sua dor, limitada entre um tom e outro, abandona o espetáculo” (DIAS, 2005, p. 75).

Sócrates se manteve afastado da tragédia por inclui-la nas artes adadoras, uma vez que a mesma representava apenas o agradável; por esse motivo exigia de seus discípulos o afastamento desses espetáculos pouco filosóficos. Platão, dirá Nietzsche, é um exemplo desses discípulos. “Para tornar-se discípulo de Sócrates, o pensador queimou os seus poemas, condenou a tragédia e a arte em geral, pois acreditava que fossem uma imitação da realidade aparente e da mesma pertencer a um grau ainda mais inferior que o mundo empírico” (Cf. NIETZSCHE, 2006, p. 88). Para Nietzsche, Platão, através de seus diálogos, proporciona às futuras gerações uma nova forma de arte: o romance no qual a poesia vive com a filosofia numa relação hierárquica comparada a que a filosofia manteve, durante muito tempo, com a teologia, ou seja, como escrava.

Sócrates através dos escritos de Platão determina um modo de suportar a vida. Nietzsche de forma sarcástica, diz que Sócrates é o primeiro grego invertido, inclassificável, pois o uso da razão brota nele, como brota os instintos em outros. Sócrates se fez homem teórico e conseguiu com isso suportar a doença da perda dos instintos. Para Nietzsche, ele mente para a juventude grega, ensinando-os a usar da razão e fazendo-os

acreditar que a racionalidade é o que o homem tem de inerente a si mesmo, que é sua natureza. Sócrates propõe que nós devemos nos comportar segundo os conceitos, e não segundo uma cosmologia.

Para Nietzsche todos os conceitos são construídos socialmente num processo. A noção de conceitos criados humanamente é já, em si mesma, uma crítica à filosofia platônico-socrática, a qual ensina que os conceitos e ideias não podem pertencer ao mundo sensível, posto que os sentidos sejam enganosos, e por isso ficam “flutuando” no mundo das ideias.

Então a Arte em equilíbrio com a Razão seria a base para o bem viver. Desta forma, a razão colocada em patamares de exuberância, levaria a uma negação da vida: assim não haveria enfrentamento da realidade, mas fuga e disfarce da mesma. A razão seria um meio do homem de negar e se afastar da sua natureza instintiva. A mediocridade consiste em viver apenas de acordo com as estruturas racionais, de relacionar-se unicamente com a representação. O homem no modelo socrático passa viver uma vida histórica, não sendo mais absorvido pelo momento, sendo um homem rancoroso ou magoado com o passado, ou dissimulado, objetivando algo para o futuro. Nietzsche exemplificava isto, afirmando que o homem tem inveja dos animais, pois estes tem a leveza de não carregar o fardo do passado, nem o desejo do futuro; os animais são felizes, pois eles mostram o que são sem disfarce.

O RENASCIMENTO DA TRAGÉDIA NA IDADE MODERNA, E A RELAÇÃO COM A FILOSOFIA DA VONTADE

O Nascimento da Tragédia proposto por Nietzsche no período intitulado Idade Moderna tem como meta, a transposição do Dionisíaco em Pathos Filosófico. Busca também a conciliação de dois impulsos estéticos antagônicos, o apolíneo e o dionisíaco, que não sofriam este antagonismo no período trágico da Grécia, pois os dois impulsos estavam em harmonia. Essa harmonia acontecia, pois os gregos, na antiguidade clássica, se caracterizavam por uma sensibilidade aflorada para o sofrimento e uma grande sensibilidade artística explicada pela força instintiva. E por causa dessa força instintiva, a vida do grego era rica em sofrimento, mas rica também em enfrentamento deste sofrimento. A arte para o grego clássico, não era dissociada da vida, então a harmonia da forma e da embriaguez era vivido de forma contínua. Quando Nietzsche volta-se para a antiguidade (tragédia grega), ele não está em busca de trazer de volta a arte daquele período para a sua época, o objetivo é recuperar a virilidade do povo grego, para fazer assim uma arte moderna, ou quem sabe iniciar um novo tempo. O importante não é reproduzir a arte do período trágico, mas agir como eles.

Se de um lado Nietzsche fazia uma crítica corrosiva, destruidora a cerca da civilização ocidental, por outro lado ele faz propostas, não para arrasar por arrasar, propondo uma correção de rota, pois ele considera que a civilização ocidental *não está num bom caminho*, e ele intitula-se como àquele que toma as rédeas para conduzir a humanidade para um novo caminho.

A obra inaugural de Nietzsche *O Nascimento da Tragédia* é o primeiro momento da transvaloração de todos os valores e da tentativa da conciliação dos impulsos artísticos. O livro é ambíguo, pois por um lado traz elementos que vão de encontro com a ideia de transvaloração dos valores, por outro lado a investigação da tragédia grega contém elementos que podem ser vinculados à face afirmativa desse projeto. Por essas razões acima expostas é que esta obra foi criticada pelo autor em momentos bem próximos à escrita da mesma, mas depois elogiada num período tardio, nos prefácios de 1886, culminando em *Ecce Homo*, quando Nietzsche refaz leituras do tema em questão.

Era preciso fazer viver outra vez o espírito da tragédia grega, sendo a obra Wagneriana um prenúncio desse ressurgimento. Richard Wagner e Arthur Schopenhauer,

exaltados num primeiro momento, serão combatidos em uma crítica posterior feita por Nietzsche, sendo responsáveis segundo Nietzsche, pelo caráter ambíguo da obra.

Schopenhauer afirma que a essência do mundo seria uma vontade cega e inacessível, ideia esta corroborada por Nietzsche, o que difere um do outro, é a relação para com esta vontade, enquanto que Schopenhauer propõe uma ação de passividade perante esta vontade, e conseqüentemente uma passividade perante a vida, Nietzsche propõe uma ação de imersão, de embriaguez, de fundir-se a essência do mundo, provocando o enfrentamento da vida, um pessimismo positivo.

A psicologia do trágico é o que Nietzsche busca nas avaliações sobre sua obra inaugural. Ele monta o cenário do mundo grego antes de Sócrates, onde há uma harmonia entre o princípio Dionisíaco (o princípio do ilimitado) e o princípio Apolíneo (O princípio das formas, do limitado). O livro é ambíguo, no momento em que tem como fonte de inspiração *a vontade como representação* e a tentativa de ligação desse pensamento com toda a obra Nietzscheana. O fato é que a obra de Schopenhauer é fonte de inspiração, seja como apoio, seja como algo a ser combatido.

Para Schopenhauer, assim como para Nietzsche, era preciso construir uma filosofia da vida, da existência, do “querer viver”, e não uma filosofia montada sobre a abstração e conceituação. Esses pressupostos foram utilizados por Nietzsche para combater o platonismo e o cristianismo.

Schopenhauer afirmava que vida é sofrimento, algo insuportável. A única saída é o asceticismo, dos budistas e dos santos, ou a arte. Pela contemplação estética temos a possibilidade de escapar da dor. Olhar o mundo à distância, esquecê-lo por alguns minutos de prazer estético. Um lenitivo, um bálsamo, um calmante para os desgostos e infortúnios da existência. Ele afirma que a vontade leva ao pessimismo, então a condição humana seria de pessimismo. A vontade é o que nos move, a razão é o que nos guia, são os nossos olhos. A vontade é o princípio e a razão consequência deste princípio.

Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável. Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio (SCHOPENHAUER, 1819, p. 57).

Nietzsche segue o caminho oposto, a arte é a afirmação da vida e só é útil se pode intensificá-la. Isso significa que quanto mais o homem é capaz de afirmar aquilo que lhe acontece, mais forte ele se torna para encarar o presente. Para ele dentro da própria cultura ocidental, estaria o antídoto para o pensamento racional grego-cristão, fazendo assim uma crítica a Schopenhauer. Vemos aí que a alegria para Nietzsche é o enfrentamento da realidade, é a vivência do que é real. O que Nietzsche propõe é um avançar, é um ir além desta condição, é um buscar ser feliz diante de todas estas particularidades que compõe a vida. Os dois filósofos se aproximam por motivo do caráter pessimista de suas visões filosóficas de mundo, mas se afastam na compreensão que têm do agir humano diante dessa visão. Tudo que se pode atribuir de terrível ao nosso mundo empírico, nada mais é do que o efeito de sua essência, o eterno vir a ser, ou seja, tudo o que é hoje não será mais amanhã, e é aí que está o pessimismo dos dois filósofos. Enquanto Schopenhauer apregoa a renúncia do querer, da vontade mesma, Nietzsche sugere que homem não deve recuar ante esse abismo; e a arte em seu entender, é ocasião e meio para tanto.

Ele se intitula discípulo de Dioniso: faz isso não para promover o desequilíbrio de forças, mas com intuito de colocar o espírito Dionisíaco no espaço que lhe é próprio.

Será o pessimismo necessariamente o signo do declínio, da ruína, do fracasso, dos instintos cansados e debilitados. Há um pessimismo da fortitude? Uma propensão intelectual para o duro, o horrendo, o mal, o problemático da existência, devido ao bem estar, a uma transbordante saúde, a uma plenitude da existência? (NIETZSCHE, 1887, p.14)

Nietzsche admite o mundo visto através da visão aparente, é através desta aparência que o homem enxerga, escreve, pensa. Para ele, Apolo não deriva de Dioniso, ou seja, a razão não surge da vontade. Vontade e razão (Dioniso e Apolo) são artifícios humanos para interpretar o mundo. Para ele nunca haveria negação, mesmo o opositor faz parte da perspectiva da força que quer se afirmar.

É necessário ressaltar que Nietzsche atribui à vontade uma primazia sobre a razão, vontade para ele é uma forma universal, tendo assim uma importância maior, enquanto que a razão é um artifício estritamente humano. Como o homem possui esta faculdade (razão) ele pode interpretar a aparência, enquanto que a vontade leva a uma integração com o uno primordial, por ser sua primeira expressão, e isto não acontece através da razão, mas da arte. Por isso Nietzsche coloca a arte num patamar elevado, pois é ela quem transvaloriza,

transpõe toda moral ou ética. Ele pretende elaborar uma ciência estética, cuja maior contribuição é demonstrar que toda a criação e realização artística estavam baseadas na existência de dois impulsos: O Dionisíaco e o Apolíneo. Essa conclusão é possível apenas graças ao desvelamento empreendido por Kant e depois continuado por Schopenhauer, de que o mundo se revela em um duplo aspecto: da coisa em si e do fenômeno (Kant), e da vontade e da representação (Schopenhauer). Mas diferentemente de Kant e Schopenhauer, em Nietzsche não há uma concepção dicotômica do mundo.

Para a tragédia grega, ao contrário do que acontecia na filosofia de Schopenhauer, a aparência não é um véu de maia ilusório, que esconde a essência do mundo, a coisa em si. Na arte trágica a aparência seria antes uma aparição de um único mundo. Os dois deuses seriam duas formas distintas de desvelar o modo como o único mundo nos aparece sob diferentes perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como temática central a relação entre arte e vida na obra *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo* de Nietzsche.

Expusemos a tentativa do filósofo Friedrich Nietzsche em mostrar através de sua filosofia, a forma do bem viver, de viver esta vida com intensidade, e não viver esta em função da ideia de outra. Para ele não interessa falar sobre uma possível vida posterior, temos que nos ater a esta que é real, que é o que temos verdadeiramente. Ele propõe uma correção de rota, desvio este gerado por uma filosofia que nega a vida.

A vida para Nietzsche possui como essência o movimento eterno, o eterno devir, o que é hoje, pode não ser amanhã, trazendo assim angústia, sofrimento e tédio. Ele tem uma visão pessimista, mas ao mesmo tempo uma visão afirmativa com relação à vida. Pessimista, pois reconhece que a vida é sofrimento e tédio, que a vida seria, analogamente falando, um cair no abismo, onde você escolhe se vai cair chorando ou dançando. A visão é afirmativa, na medida em que assume o que a vida é verdadeiramente, e tenta transformar o sofrimento, o tédio, o horrível da vida em algo positivo, sendo a arte o meio propício para isso. Desta forma Nietzsche tenta desconstruir toda a filosofia ocidental dos últimos dois mil anos. É preciso segundo ele, estar em sintonia com o impulso que rege o universo, o que ele chama de Uno Primordial, entendido como uma justificativa estética, e não como um conceito racional, lógico, científico.

O Uno Primordial seria um ser metafísico que possui uma dor inerente a si numa dialética estética (irracional). A dor é o que faz pulsar, criar, sendo essa criação eterna. Ele para expurgar, aliviar a dor, cria o mundo.

Não temos acesso ao Uno Primordial, que se confunde nesta concepção, com a coisa em si de Kant, ou com a vontade de Schopenhauer. Mas diferente dos dois filósofos que o antecederam, Nietzsche não via o mundo sob a ótica de um aspecto duplo, mas uno. Para ele a vontade, seria o impulso primeiro, a primeira forma do Uno Primordial se manifestar, impulso este, representado simbolicamente por Dioniso que é o deus da embriaguez, do caos, da música.

A outra forma de amostragem, de aparecimento do Uno Primordial seria o espírito Apolíneo, que está ligado à forma, a metrificação, a beleza contemplada.

Nietzsche por ser um crítico feroz do seu tempo, não busca na sua época os pressupostos de sua filosofia, busca dentro da filosofia ocidental, em um período pré-socrático, chamado de época da tragédia, a fonte de uma nova filosofia. Para ele, é no período trágico que está o equilíbrio entre o Dionisiaco e o Apolíneo, entre a embriaguez e a forma, condição principal para o enfrentamento das mazelas inerentes a esta vida. Ele busca não reviver uma época, mas trazer para a sua época (idade moderna) a virilidade presente no grego do período trágico, para assim fundar uma filosofia, uma arte moderna. As peças teatrais características do período trágico da Grécia, tratavam do presente, e o cômico era parte preponderante, pois era ele que dava ênfase ao enfrentamento e conseqüentemente, a afirmação da vida, diante das agruras a esta inerente. Este cômico no período socrático já não pulsava mais, sendo praticamente extinto. Em vez de música (Dioniso), temos agora apenas a parte cênica (Apolo). O apolíneo passa a desempenhar o papel de primazia e de universalidade entre os impulsos, gerando assim um total desequilíbrio.

Na criação de sua metafísica estética, Nietzsche diz que é preciso um resgate do Dionisiaco, pois há um desequilíbrio entre os dois impulsos. Conforme sua tese principal, ambos os impulsos foram necessários para a formação da tragédia na Grécia antiga. Devemos entender a beleza trágica na Grécia antiga a partir da contraposição de duas forças da natureza que estão em constante luta entre si. Uma força é 'febre' dionisiaca, a outra é a força apolínea, que se fez necessária para os gregos para controlar assim a fúria destruidora, domar essa torrente dionisiaca e utilizá-la de modo criativo.

O desequilíbrio entre os impulsos artísticos teria como símbolos: Sócrates, Platão e o Cristianismo. Para Nietzsche, Sócrates funda uma filosofia conceitual, puramente racional, que dá origem a um homem fraco, uma filosofia do não enfrentamento, uma filosofia da negação a vida e aos impulsos inerentes a mesma, ou seja, uma filosofia estritamente apolínea, onde a razão é colocada em patamares de exuberância. Sócrates era um otimista com relação à vida, ele surge como *médico*, aquele que vai curar o espírito cansado grego, proveniente do desequilíbrio dos impulsos, e a forma escolhida para isto é o racional. Esse pensamento vai desembocar no pessimismo, no niilismo, na *morte de deus*. Nietzsche não salienta um dos dois para que o outro desapareça.

O mundo entendido do ponto de vista lógico, científico, leva ao niilismo, ao nada. Se não tenho acesso a coisa em si, não há porque se ater a este tipo de conhecimento, é

oque irão defender os positivistas, em um processo cada vez maior de esvaziamento e enfraquecimento do homem perante a vida.

O metafísico conceitual cristão desemboca no niilismo positivista. O metafísico artístico desemboca numa vida afirmativa, sem telos, pois o objetivo da vida é viver verdadeiramente.

Para Nietzsche a obra artística grega trágica é o resultado de um estágio primeiro de sofrimento vivenciado pelos gregos (visão dionisíaca do mundo). Esse parece ser o pensamento principal que está na base às reflexões de Nietzsche presentes na sua primeira obra. Segundo o filósofo, todo o reino olímpico, por exemplo, teve sua origem numa profunda carência vivenciada pelos gregos antigos: “O grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir: para que lhe fosse possível de algum modo viver, teve que colocar ali, entre ele e a vida, a resplandecente onírica dos deuses olímpicos” (NIETZSCHE, 2006, p. 36). Da mesma forma, o nascimento da tragédia aconteceu na Grécia antiga como reação ao duro destino ao qual o povo grego estava exposto, como uma luta triunfante contra a insuportabilidade da dor, do sofrimento do dia a dia; assim, com a criação da arte, seu lamento se converteu “em hino de louvor à vida” (NIETZSCHE, 2006, p. 37). A arte torna suportáveis as dores da vida, ela traz alegria à vida. A arte trágica relaciona-se ao consolo criado pelos gregos diante da dureza da vida. Nietzsche compreende, pois, “o *sublime* enquanto domesticação artística do horrível” (NIETZSCHE, 2006, p. 56); ele louva os gregos que miraram “com olhar cortante bem no meio da terrível ação destruidora da assim chamada história universal, assim como também da crueldade da natureza” e , sem resignação ou sem correr “o perigo de ansiar por uma negação budista do querer, confirmaram o valor da vida através da criação das obras de arte; os gregos foram salvos pela arte, e através da arte salvou-se neles a vida” (Cf. NIETZSCHE, 2006, p. 55). Quem nunca padeceu de dor, tristeza, doença, morte, este não possui necessidade da criação de algo belo. Com essa ideia em mente relacionada aos gregos antigos Nietzsche concluiu sua primeira obra: “quanto precisou sofrer este povo para poder tornar-se tá belo” (NIETZSCHE, 2006, p. 144).

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada refere-se ao um projeto de investigação que para concretizar os objetivos propostos foi realizada através de pesquisa de natureza básica; com abordagem qualitativa; de caráter exploratório, descritivo e explicativo, tendo como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2007) tem como principal vantagem o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. *O conflito trágico entre arte e verdade no pensamento de Nietzsche*. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*, v.1, n. 2, 1998.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: Tragédia e Comédia*. Petrópolis: Vozes, 1984. 2ª ed. (p. 9-11).

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e Música*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí – RS: Editora Unijuí. 2005.

LIMA, Márcio José Silveira. *As máscaras de Dioniso: filosofia e tragédia em Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, 2006. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia*. IN: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm *.Ecce Homo: de como agente se torna o que agente é*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Da visão e do enigma. IN: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Viviane Martins. *O Universo Apolíneo e Dionisíaco da Tragédia Grega no Pensamento de Nietzsche*. *Revista Eletrônica do Grupo Pet - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano IV - Número IV – janeiro a dezembro de 2008*.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Curitiba: Editora UFPR, 2014